

Histórias de um jardim: de chácara a bem cultural*

Ana Pessoa

O JARDIM QUE CERCA A CASA DE RUI BARBOSA, com 9.000 m², é hoje uma das poucas áreas verdes de Botafogo, e um dos raros espaços da cidade que permite lazer e desfrute da natureza.

A propriedade foi ocupada em 1849, com a transformação de um lote de uma chácara em residência de rico comerciante português, e teve como seu último morador o advogado, jornalista e político Rui Barbosa (1849-1923). Ela foi adquirida em 1924 pelo governo para homenageá-lo, e inaugurada a 13 de agosto de 1930 enquanto museu voltado para a preservação de seu ambiente familiar, sua biblioteca e documentos, constituindo-se o primeiro museu-casa do país. Na ocasião, foi promovida uma ampla recuperação do jardim, dando-lhe a configuração atual.

A casa e o jardim formam um importante conjunto arquitetônico que, por seu valor histórico e artístico, é protegido pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) desde 1938.

A área é constituída por um conjunto de bens culturais em que se integram elementos paisagísticos a outros de valor arquitetônico, escultórico ou ornamental, o que a caracteriza como um jardim histórico, conforme definição da Carta de Florença, documento do ICOMOS, de 1981, que estabelece os princípios para a preservação de jardins.

* Comunicação apresentada no I Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, UFMG, 2010.

Desde a década de 1980, com a criação do Programa Jardins Históricos na Fundação Nacional Pró-Memória, a área vem merecendo a supervisão de arquitetos paisagistas especializados, sob a coordenação de Carlos Fernando de Moura Delphim.

Mais recentemente, o jardim passou a merecer um conjunto de medidas, compreendendo não somente o aperfeiçoamento de sua manutenção e conservação como patrimônio natural – com a qualificação de sua gestão cotidiana e a elaboração de termo de referência do Projeto de Revitalização e Restauração do Jardim Histórico, a ser contratado em 2011 –, mas também o incentivo à realização e divulgação de pesquisas e estudos sobre o paisagismo desse período.

Importantes iniciativas nesse sentido foram a edição do livro *Memória de um jardim – Estudo do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa*, de Cláudia Barbosa Reis, a promoção do II Encontro Luso-Brasileiro Museus-Casas: Jardins privados do século XIX, realizado em 2008; a edição dos sites “Visita virtual do jardim” e “Glaziou, o paisagista do Imperador”, inseridos no portal da FCRB (www.casaruibarbosa.gov.br), o curso “Intervenção em jardins históricos”, por Sergio Treitler, e a publicação de folheto sobre o jardim para visitantes.

Minha comunicação se inscreve nesse contexto de estudos voltados para melhor conhecer o bem cultural a ser preservado, que se congregam na linha de pesquisa “Museu-casa: memória, espaço e representações” da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Apresentarei a seguir um breve retrospecto sobre as chácaras e seus jardins no Rio de Janeiro no século XIX, bem como no relato, numa perspectiva diacrônica, das mudanças promovidas nas áreas verdes que compõem a propriedade – que começa entre a rua São Clemente e se prolonga por alamedas laterais, com grandes canteiros, se estendendo até o final do terreno, no limite onde fica a rua Assunção; mostrando sua transformação de chácara a bem cultural.

Nesse percurso, três momentos se destacam: aquele em que a propriedade pertenceu a Bernardo Casimiro de Freitas, o barão da Lagoa, que lhe deu a feição de moradia fidalga, entremeando o jardim espontâneo e popular das chácaras agrícolas ao formalismo do jardim clássico; ao comendador Albino de Oliveira Guimarães, que lhe

revestiu de artefatos e traços de jardim romântico à inglesa, e a Rui Barbosa, seu último morador, jardineiro amador e cultor de rosas.

([Imagem 1](#)) “Villa Maria Augusta” foi como Rui Barbosa, em homenagem à sua esposa, designou a propriedade que ocupara em 1893, certamente inspirado no termo atribuído pelos antigos às propriedades fora de Roma, onde se dedicavam aos prazeres da vida no campo. Situada no bairro de Botafogo, então já configurado como bairro aristocrático do *fin de siècle*, a designação villa remetia também às origens rurais de propriedade, resultante do parcelamento das grandes chácaras da antiga freguesia de São João Batista da Lagoa.

A implantação de casas de campo é um dos hábitos introduzidos na passagem da acanhada cidade colonial em sede do império português, com a instalação de um corpo de elite, formado pela aristocracia portuguesa, diplomatas, comerciantes, cientistas e viajantes estrangeiros, e suas novas formas de sociabilidade. Esses novos modos foram logo absorvidos pela “nobreza da terra” que tomaria “gosto pelo luxo e modo de vida do europeu.”¹ Surgem novas formas de ocupação da cidade. ([Imagem 2](#)) O antigo centro, com ruas tortuosas e sobrados contíguos e estreitos, é preterido por novas áreas, conquistadas de zonas agrícolas e mangues, onde se estabelecem arejadas mansões e quintas ou chácaras, com espaço para todas as instalações necessárias a uma casa nobre. Longe do burburinho, calor e mau-cheiro das ruas centrais, D. João VI se instala em uma quinta a norte, enquanto Carlota Joaquina procura refúgio em frescas chácaras nos arredores.

As chácaras tinham distintas finalidades, como a exploração da agricultura para fins comerciais; aquelas voltadas para agricultura de subsistência, com famílias instaladas, e aquelas voltadas para o lazer de famílias aristocráticas residentes na cidade.

([Imagem 3](#)) A voga romântica do sentimento do *pitoresco*, que valoriza as impressões subjetivas desencadeadas pela contemplação de uma cena paisagística, prestigia os recantos do litoral da cidade, com a presença das montanhas, floresta e mar, onde a

¹ Von Spix e Von Martius, *Viagem pelo Brasil*. São Paulo: Melhoramentos/IHGB/MEC, 45 apud Rocha-Peixoto 292.

mescla da arquitetura residencial a algum aspecto da natureza, como as chácaras e as casas de campo, configuravam o modelo ideal de ambiência.²

D. Pedro I promoveria melhorias na quinta real, onde o jardim seria transformado em um “admirável sítio anglo-brasileiro”, que “tornou-se com razão um objetivo habitual do passeio para a jovem família imperial”³ influência, segundo Debret, do “gosto europeu introduzido nas casas de campo dos arrabaldes.”⁴ Também Thomas Ender deixaria registrada a casa de campo do Conde da Barca, o mais importante ministro de D. João VI, no Catumbi; Maria Graham comentaria sobre as chácaras em Laranjeiras, onde observou que as casas não sejam nem grandes ou luxuosas, e que flores européias cresciam ao lado de plantas e arbustos nativos, à sombra de árvores variadas, em meio a estátuas.

Os comerciantes mais abonados dispunham de casas de campo em chácaras que seriam, segundo Denis, “o asilo do proprietário abastado” onde ele podia fazer uso dos “antigos usos”, a costumes já abandonados na cidade, “é ali que se encontram móveis que datam da conquista e usos anteriores, que trazem à memória o século XVI”⁵.

O viajante francês comenta que “nossa arquitetura já se manifesta nos aprazíveis arredores do Rio de Janeiro” onde se pode observar elegantes vilas que ao mesmo tempo que guardam os estilos portugueses, já expressam “os costumes do luxo e afetação introduzidos pelos estrangeiros.”⁶

² OLIVEIRA, Carolina Bortolotti. O Gosto Inglês no Brasil: a presença britânica na formação dos subúrbios do Rio de Janeiro, Salvador e Recife no século XIX. Dissertação de Mestrado. Campinas: Ceatec/PUC Campinas, 2004, p. 134.

³ Debret, p. 545.

⁴ Debret, p. 545.

⁵ Denis, 1980, p. 135.

⁶ Denis, 1980, p. 135.

A sedução do lugar

([Imagem 4](#)) O vale de Botafogo, limitado com a enseada de um lado e com o estreito do Humaitá do outro, tendo por limites laterais (Norte-Sul) duas cadeias de montanhas –, ocupado por extensas chácaras agrícolas, foi se destacando por sua estreita faixa praieira. ([Imagem 5](#)) A enseada em curva, areia branca e mar tranquilo, emoldurada pelos maciços do Pão de Açúcar e do Corcovado, se consagraria como lugar privilegiado de lazer e se tornaria uma paisagem emblemática da cidade, cenário obrigatório no repertório de pintores e fotógrafos oitocentistas.

([Imagem 6](#)) Ao longo da primeira metade do século XIX, a praia de Botafogo, antes habitada somente por pescadores e ciganos, foi atraindo nobres e diplomatas que se instalaram em ([Imagem 7](#)) belas residências campestres, cercadas por jardins, onde promovem reuniões e divertimentos.

Em meados de 1820, os jardins da região conquistam a admiração do engenheiro alemão Karl Schlichthorst, então servindo às tropas estrangeiras de D. Pedro I.⁷ Ele assinala a predominância de “um gosto que chamam francês e que preferiria fosse mourisco por se adaptar melhor à paisagem. A natureza oferece parques à inglesa que tornam qualquer imitação pueril.”⁸ E comenta a tentativa de submissão da natureza tropical ao formalismo ortogonal dos jardins franceses:

O estupendo colorido das flores e a maravilhosa forma das árvores e arbustos, reunidos num conjunto regular, tornam-se um tanto artificiais. Um jardim dessa espécie é como um desses grandes xales em que cada flor muitas vezes se repete sem cansar a vista. Pequenos repuxos atiram um jato prateado para o céu noturno, brancas estátuas surgem como fantasmas entre o arvoredo e os perfumes embalsamam o ar.⁹

A ocupação da região é favorecida com a implantação, a partir de 1839, de serviço regular de transportes que a ligavam ao centro, tanto por mar, com desembarque em

⁷ Schlichthorst, C. 2000, p 225. Depoimento do engenheiro alemão, tenente de Granadeiros Alemães, Carl Schlichthorst, que serviu no Rio de Janeiro entre 1825 e 1826.

⁸ Schlichthorst, C. 2000, p. 195.

⁹ Schlichthorst, C. 2000, p. 195.

pontes da enseada, como por terra. Com isso, é possível atender aqueles que desejam viver fora da área central, sujeita às doenças e a falta d'água, provocando o aumento da população local. Com esse movimento, Botafogo consolida-se tanto como importante bairro residencial como ponto de passagem para as demais regiões da zona sul – Lagoa e Gávea, e as praias atlânticas.¹⁰

As chácaras

([Imagem 8](#)) O vale do Botafogo integrava antiga sesmaria, cujo desmembramento deu origem à quinta de São Clemente que, por sua vez, foi parcelada em outras fazendas e chácaras. ([Imagem 9](#)) O vale é entrecortado pelos rios Berquó e Banana Podre e seus afluentes, e ladeado pelos morros São João, à esquerda, e Dona Marta, à direita, por cujas encostas serpenteia a rua ([Imagem 10](#)) São Clemente, que une a enseada de Botafogo à Lagoa Rodrigo de Freitas.

([Imagem 11](#)) O desmatamento das encostas do Corcovado é testemunhado pelo engenheiro Schlichthorst, onde “há um ano ainda esbeltas palmeiras coroavam os bosques impenetráveis de mimosas, surgem agora alvas casas campestres, rodeadas de floridos jardins”.¹¹

([Imagem 12](#)) Pelo inventário da chácara da família Monteiro Dias, levantado pelo pesquisador Cau Barata, pode-se conhecer a composição das chácaras voltada para a São Clemente no início do século XIX, já com dimensões reduzidas por sucessivos desmembramentos. A chácara dos Monteiro Dias era ocupada por um arvoredo, onde predominavam pés de café (589) e de laranja (688), acompanhados por latadas de parreiras, bananeiras, limoeiros, jambo, mangueiras, jabuticaba e outras árvores frutíferas, além e coqueiros diversos, ainda assim preservava uma zona de mata

¹⁰ Desde 1839, a região é servida pelo “omnibus” que permaneceria até 1871, quando foi substituído pelo bonde; tálburis, diligências e gôndolas são outros veículos que vão sendo introduzidos no atendimento ao bairro. A partir de 1843, até 1890, barcas a vapor navegam entre o centro e a enseada, transportando passageiros e cargas a preços mais acessíveis do que os “omnibus”.

¹¹ Schlichthorst, C. (2000). p 225. Ele esteve no Brasil de 1825 a 1826...

virgem; como construções, havia uma casa térrea no centro da propriedade, e um sobrado frente à estrada, para abrigar carros.

([Imagem 13](#)) Anúncio do *Jornal do Commercio*, de 1849, ilustra as oferta de chácara em Botafogo

Rua São Clemente, nº 117 - Aluga-se a grande chácara, toda várzea, plantada de capim para 16 ou 20 talhas diárias, denominada – da Olaria – abundante em água corrente de rio para lavagem e potável: a casa é magnífica, com bons e espaçosos cômodos e está toda renovada; trata-se na mesma. JC, 21/11/1849 p.3 (2ª coluna)

Para atender à essa nova demanda residencial, o Conselheiro José Bernardo de Figueiredo inicia o loteamento para aforamento de sua extensa chácara, ([Imagem 14](#)) voltada para a praia de Botafogo – entre a atual rua São Clemente e o riacho Banana Podre –, e fundos encostados às vertentes da serra. Com isso, os ganhos da produção agrícola são substituídos pelas taxas anuais devidas ao foro. Os lotes iniciais são os voltados para a praia de Botafogo e rua São Clemente. ([Imagem 15](#)) Por volta de 1850, o Conselheiro abre ruas através da chácara, para dar origem a novos lotes.¹²

Para a composição dos jardins dessas novas áreas, há a oferta de uma variada gama de artefatos relativos aos modelos europeus. Em 1847, o jardineiro Binot anuncia ornamentos variados como caramanchões, pirâmides, arcos do triunfo, bancos de verduras, e oferece uma considerável coleção de riscos de jardins “no gosto antigo e moderno,” além de mudas de plantas da Europa e do país.¹³

Sementes de diversas variedades são oferecidas por lojas especializadas. ([Imagem 16](#)) A Loja da China tem à disposição um grande sortimento de “sementes da melhor qualidade para hortaliças, cereais, flores, luzernas, feno e outros capins, árvores e arbustos frutíferos, cebolas e raízes das mais distintas flores”, além catálogos em

¹² As ruas receberão denominações que homenageavam seus familiares – Rua Olinda, em homenagem ao genro, Pedro de Araújo Lima, o antigo-Regente, Visconde, e futuro Marques, de Olinda, Bambina, sua neta e Viscondessa, sua filha, e a Travessa Figueiredo, hoje rua Marechal Niemeyer.

¹³ Almanak Laemmert, 1847, p. 394.

diferentes línguas e cópia de obras sobre agricultura, horticultura e jardinagem.¹⁴ E a F. Albuquerque oferece rosas, camélias e azáleas, entre outras plantas ornamentais.

Os jardins do barão e do comendador

([Imagem 17](#)) Um dos lotes da chácara do Conselheiro foi aforado em 1849, pelo comerciante português Bernardo Casimiro de Freitas, o futuro barão da Lagoa, que mandaria demolir as benfeitorias que existentes e erguer uma nova casa, concluída, como atesta a data no frontão, em 1850. ([Imagem 18](#)) Em um segundo momento o próprio barão constrói um passadiço ligando a casa original a um segundo bloco.

Não se tem vestígio da primeira configuração do jardim social, mas provavelmente deveria existir no local um repuxo ou uma pequena fonte. A área doméstica se desdobrava no jardim íntimo, para recreio e descanso, e no quintal cortado por uma pérgula, ou latada, segundo certa tradição portuguesa, e alamedas que formavam canteiros destinados ao cultivo de hortas e pomares. À direita, estavam as construções de apoio da moradia: serviços de cozinha e lavagem, cavalariça, telheiros, banheiros e galinheiro, além de receber o despejo de detritos.

([Imagem 19](#)) Cerca de trinta anos depois de sua formação, a propriedade recebeu acréscimos e modificações promovidos pelo seu segundo proprietário, o comendador Albino de Oliveira Guimarães. ([Imagem 20](#)) O comendador promoveu a remodelação dos jardins atendendo ao modelo do jardim romântico à inglesa, divulgado no Brasil pelo paisagista Auguste François Marie Glaziou. No jardim social, em meio ao gramado que se estende entre a casa e o gradil que ladeia a rua, foi construído um lago artificial que simula um rio. O curso d'água é atravessado por pontes, com parapeitos em argamassa imitando troncos, e fechado nas extremidades por um conjunto de rochedos artificiais, também chamados rocalhas, de onde surge uma cascata, impulsionada por um fluxo d'água. Pequenos caramanchões floridos ladeiam esse conjunto e, ao centro, há a escultura, em cimento e ferro, de uma águia immobilizando uma serpente de cuja boca sai um esguicho d'água que cai em jato curvo no lago fronteiro.

¹⁴ Almanak, 1845, p. 259.

([Imagem 21](#)) Na área doméstica, um quiosque, em estrutura octogonal, foi implantado em pequena ilha, em meio a um lago, que se unia ao lago frontal por um canal. Típica construção do final do século, o quiosque era comum nos jardins românticos, com funções diversas de descanso e entretenimento.

Depois de pertencer, por um breve período, ao inglês John Roscoe Allen, comerciante do ramo de trapiches alfandegados, a propriedade recebeu de Rui Barbosa as atenções de um dedicado jardineiro amador, que cultivou com especial desvelo um canteiro de rosas.

O jardim de Rui

([Imagem 22](#)) Como assinala Cláudia Reis, museóloga da Casa de Rui Barbosa voltada ao estudo da casa ocupada pela família Rui Barbosa, o proprietário cuidava da aquisição de mudas, da orientação aos jardineiros, e se dedicava ao cultivo das flores, que podava e colhia para enfeitar a casa. Rui morou na propriedade e lidou do jardim por 28 anos, onde plantou árvores, como o pé de lichia. “Rui passeava pelo jardim tão logo acordava, ainda de pijamas. Esse amor pela natureza, mais do que um *hobby* era uma espécie de refúgio das lidas diárias e do cotidiano estressante da política”, segundo Cláudia.

No final do jardim, havia uma estufa, e nos fundos, um picadeiro e horta, onde cada neto era responsável por um canteiro. Havia árvores frutíferas, como o abiu, jambo, sapoti, pitanga, e, da Bahia de Rui, o araçá, mandacaru e uma grande variedade de cocos, inclusive o dendê. As mangueiras formavam duas alas, vasos com samambaias decoravam as alamedas principais do jardim.

([Imagem 23](#)) O dia-a-dia da família desenvolvia-se também no jardim, nos passeios de Rui e Maria Augusta, os piqueniques, as brincadeiras, os netos que ali conviviam, principalmente durante as férias escolares, os banhos de chuveiro nos quiosques, os *garden partys*, realizados à noite sob a luz do gás acetileno. Desse cotidiano faziam parte as tarefas domésticas, a roupa lavada nos grandes tanques de granito, quaradas sobre a grama, a varredura do jardim, a coleta das flores que ornamentavam a casa e das frutas para sucos, geléias e sobremesas, a alimentação dos grandes mastins que

faziam a segurança da casa, a chegada dos alimentos, legumes e verduras, a carne e o leite vindos da chácara vizinha.

([Imagem 24](#)) É esse jardim, com as marcas de suas sucessivas ocupações e usos, que se preserva e se divulga como bem cultural. Muito obrigada.



Imagem 1 - Entrada da Vila Maria Augusta



Imagem 2 - O antigo centro de Botafogo



Imagem 3 - Charles. J. Martin, 1848

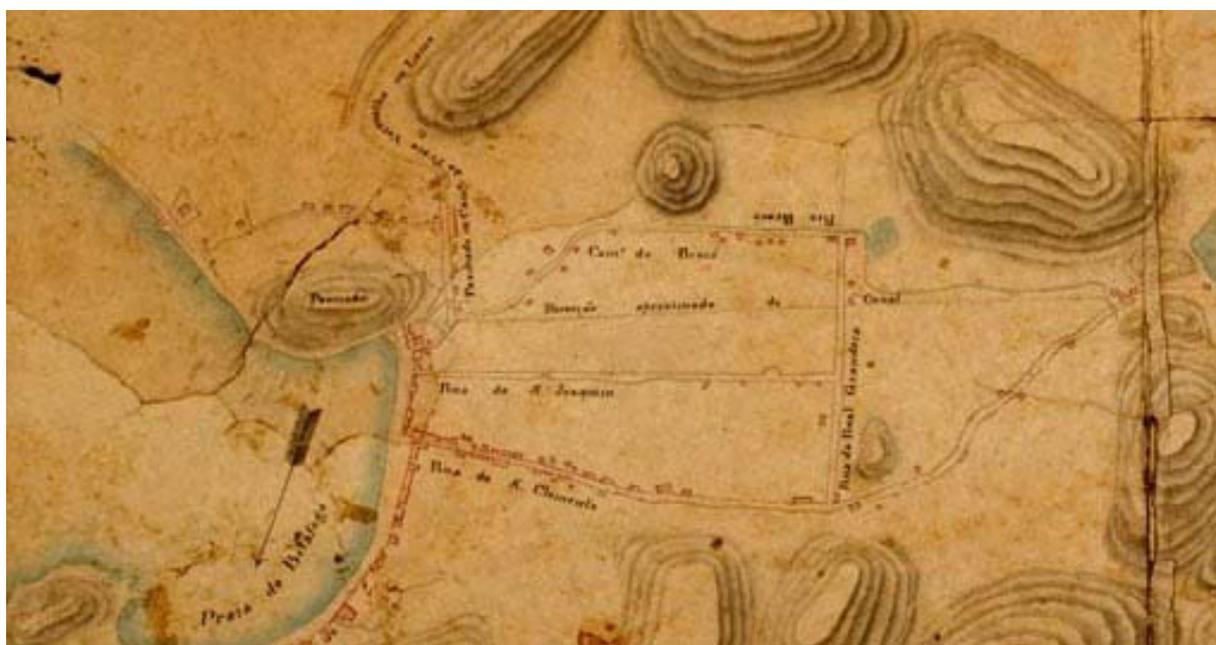


Imagem 4 - Planta do Bairro de Botafogo e Lagoa Rodrigo de Freitas, 1855



Imagem 5 - Chamberlain – Baia de Botafogo. ca. 1819



Imagem 6 - Thomas Ender, Cercanias de Botafogo, 1817-1818



Imagem 7 - Conrad Marten, 1833



Imagem 8 - Barão de Planitz, Botafogo e Humaitá, c. 1850

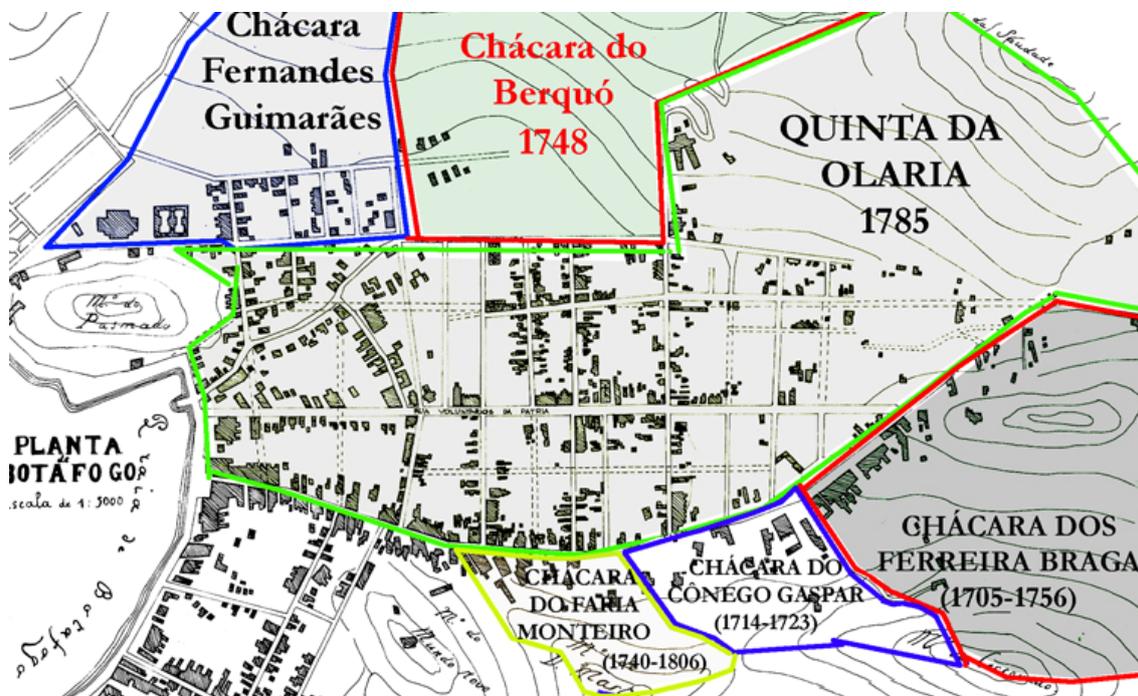


Imagem 9 - Chácaras de Botafogo originárias da venda da Chácara Olaria, por Cau Barata



Imagem 10 - William Smith - Rua São Clemente, 1832



Imagem 11 - Chamberlain, 1819

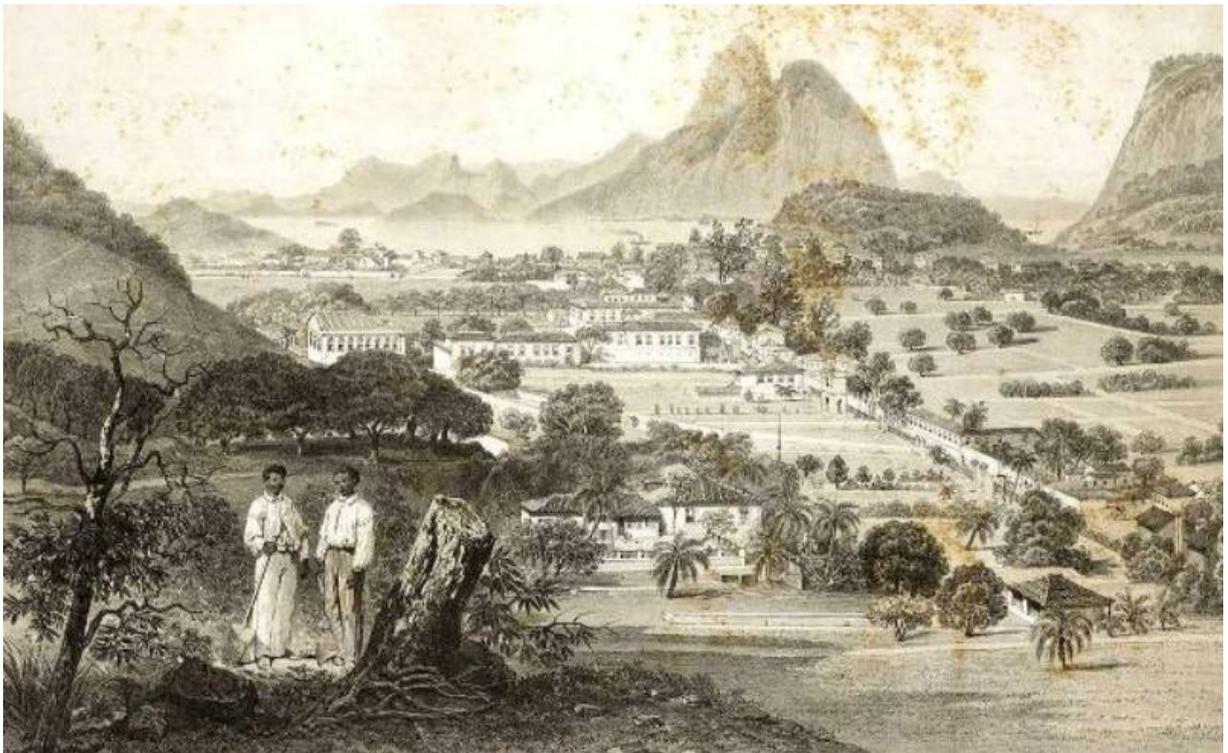


Imagem 12 - Botafogo, Rua São Clemente, enseada... Iluchar Desmons, C. 1855

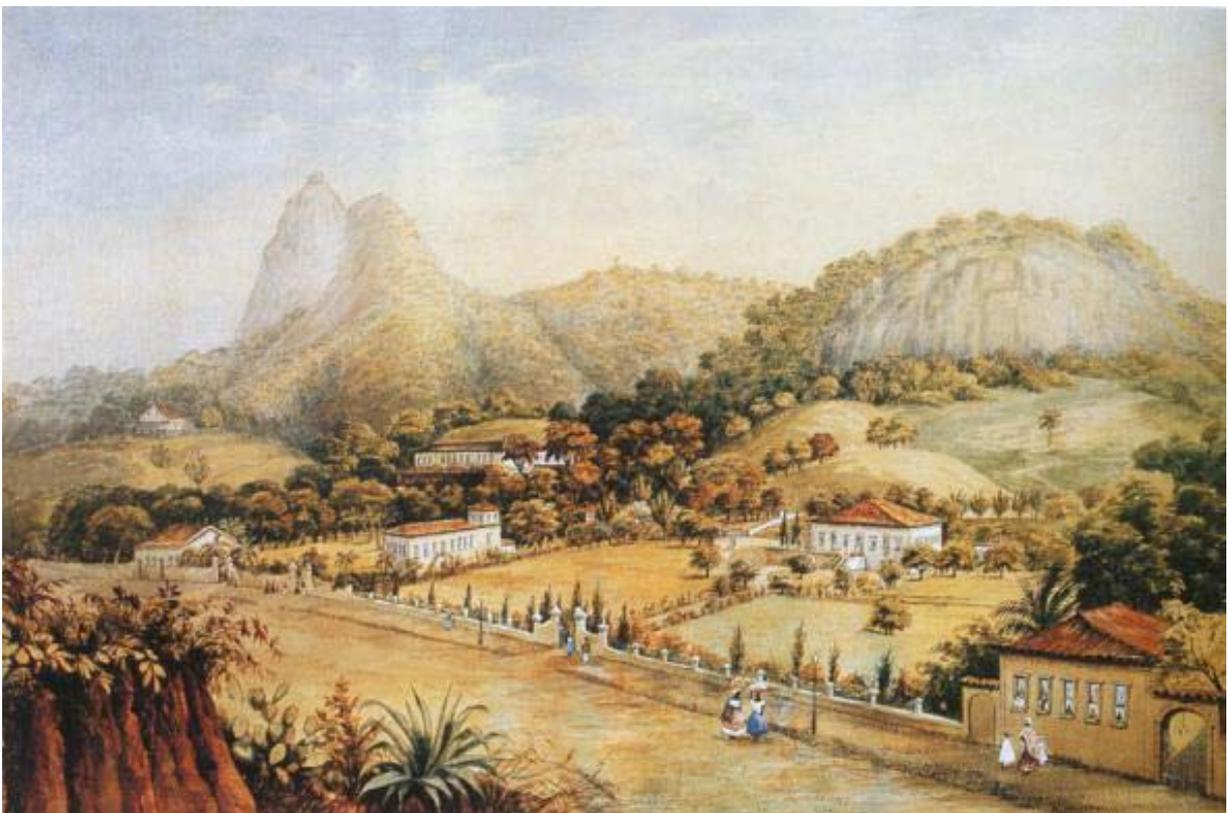


Imagem 13 - A P - Residência São Clemente. C. 1850

Jardineiros vendedores.

A LOJA DA CHINA

N.º 18, RUA DA CANDELARIA EM FRENTE À EGREJA.

Agencia para a venda de mudas e plantas indigenas ou exoticas , acimatadas no paiz , por eguaes preços ao que o proprio cultivador as vender no seu jardim : o conhecimento e a pratica do agente lhe proporciona poder escolher melhor do que nenhum outro a especialidade em que cada um dos ditos cultivadores commerciantes sobresahe.

Binot, jardineiro, florista e cultivador. Para informações, r. do Ouvidor, 47.

João Eloy da Porciuncula, campo de S. Christovão.

José Rufino Rodrigues de Vasconcelles, r. de Maruhy.

Padre Manoel Thomaz dos Santos, r. da Princeza dos Cajueiros.

Mauricio José Ferreira, r. do Engenho Velho.

Rua do Rezende, 32, no Jardim das Flôres.

Imagem 16

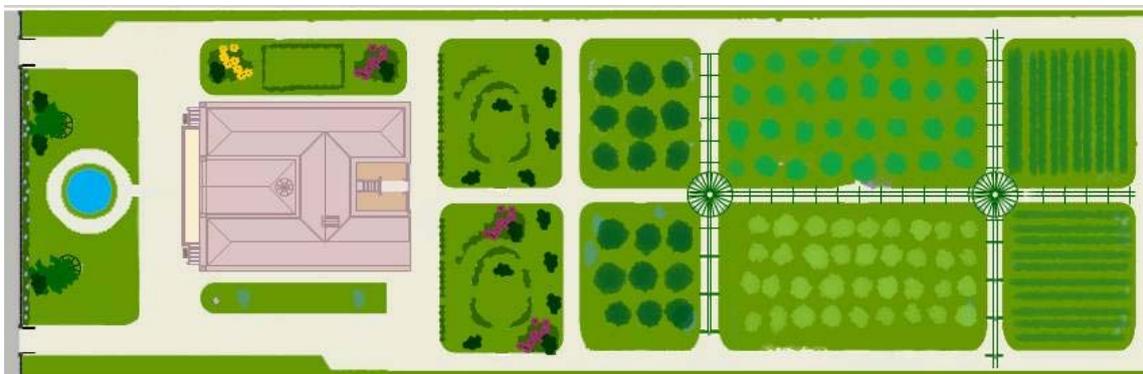


Imagem 17

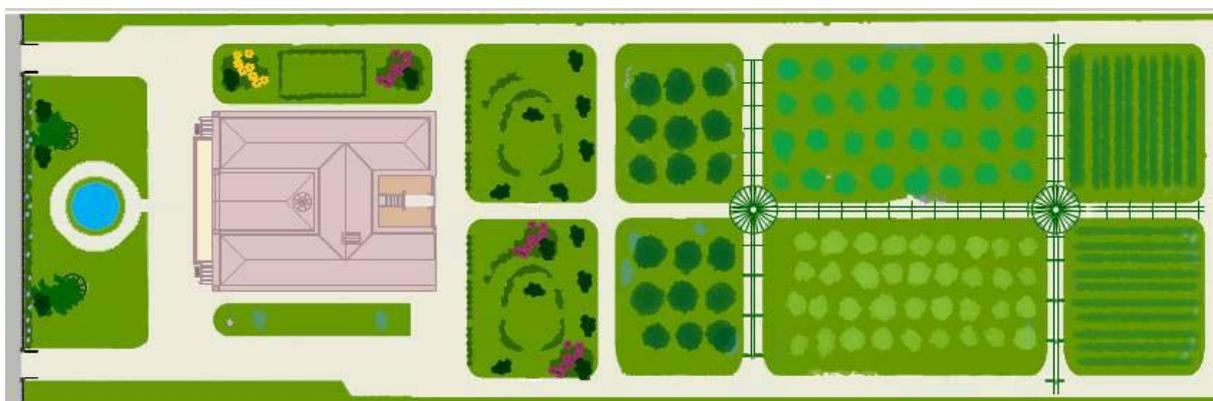
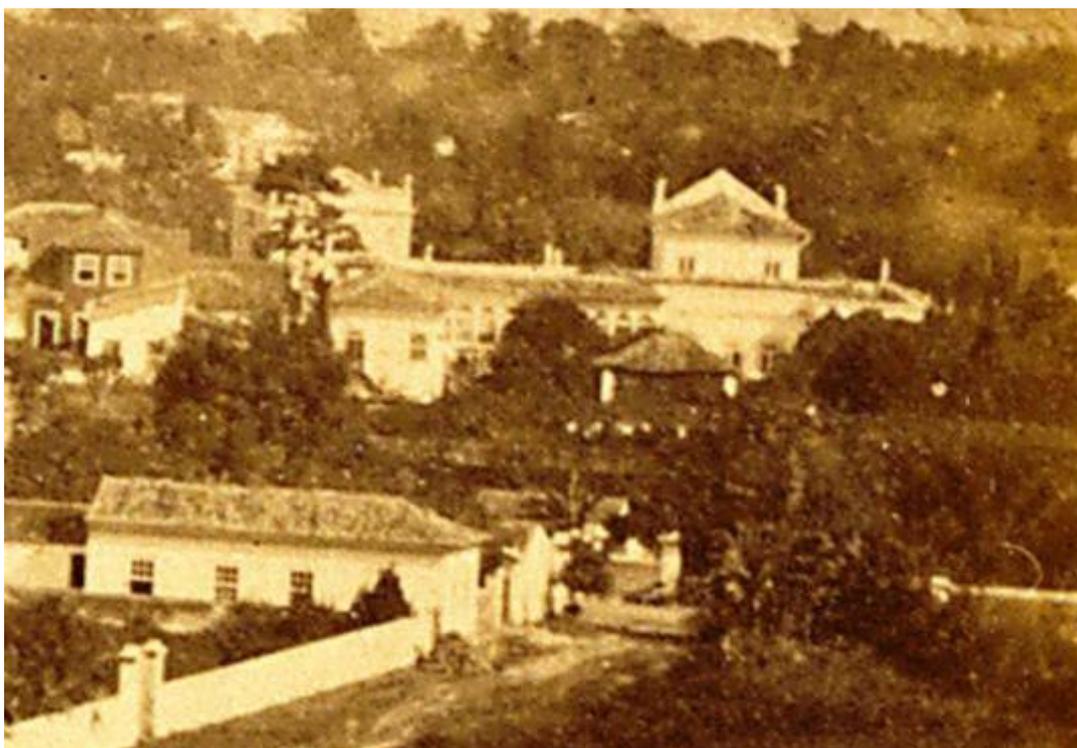


Imagem 18



Imagem 19 – Comendador Albino de Oliveira Guimarães



Imagem 20 – Jardim do comendador Albino



Imagem 21 – Jardim do comendador Albino

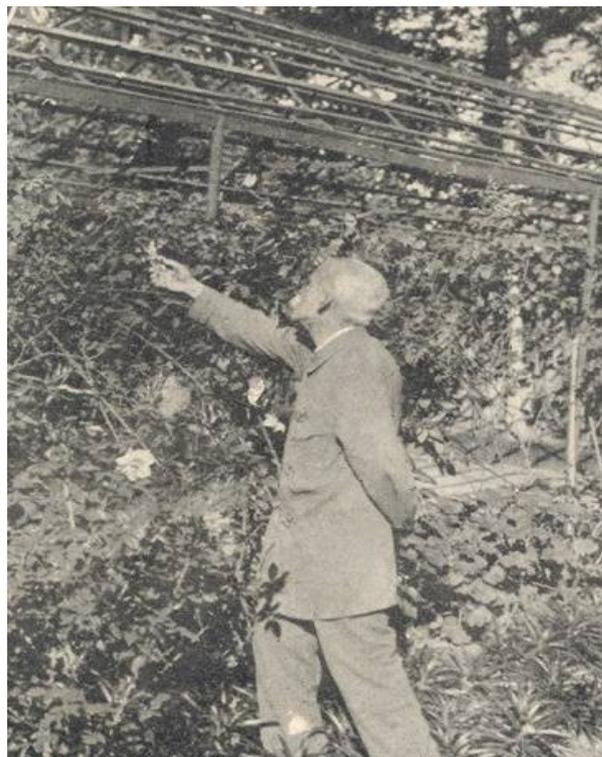


Imagem 22 – Jardim de Rui

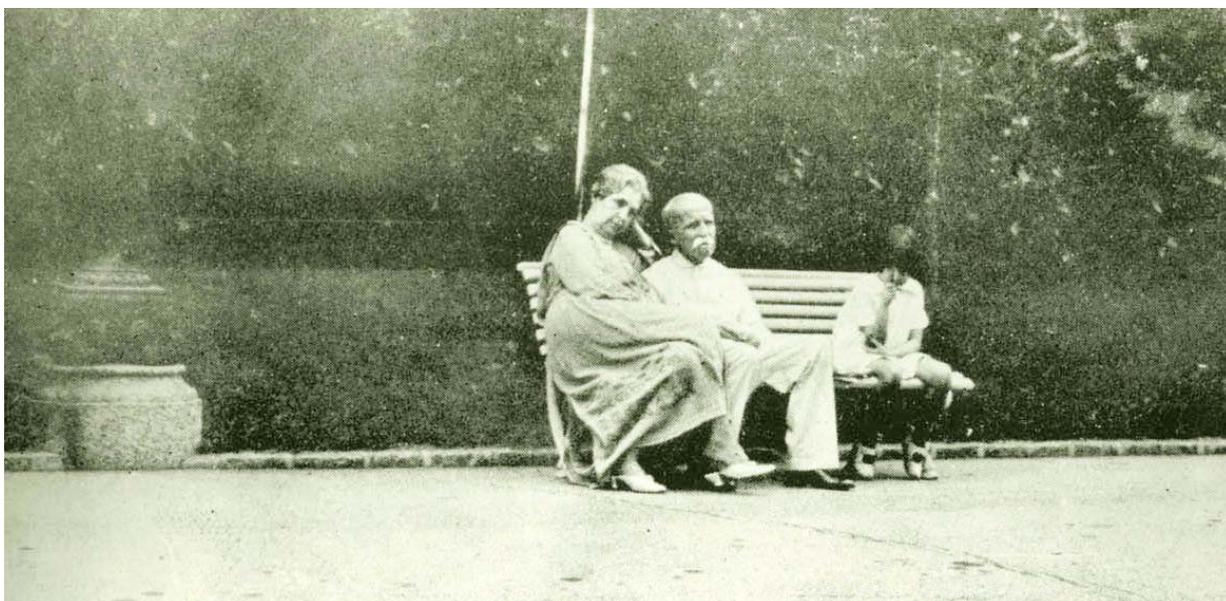


Imagem 23 – Jardim de Rui



Imagem 24 – Jardim de Rui